

**A voz da escrita:
relações entre texto e voz na irradiação das crônicas de Osmar Silva**

***The voice of writing:
relationship between text and voice in the irradiation of the chronics of Osmar Silva***

Bruno Henrique Nichel
Mestrando em Literatura – UFSC
brunonichel@gmail.com

Resumo: Este trabalho visa investigar as diferentes características, tanto textuais quanto vocais, expressas na obra *Coquetel de Crônicas*, de Osmar Silva. Originalmente, essas crônicas foram irradiadas pela rádio Diário da Manhã, em uma Florianópolis do final da década de 1950. Este trabalho investiga a multiplicidade de vozes de uma cidade que emergem da voz do cronista, que imprime sua própria voz ao escrever seu texto, mas simultaneamente, de alguma maneira, faz a cidade falar. O propósito é descortinar as tonalidades, ritmos, as intensidades, e as marcas textuais que permitam escutar a voz dessa escrita. Esses tons indicativos que colorem, indicam a voz, são fundamentais para refletir sobre como abordar, como ouvir uma voz, na afonia da linguagem escrita.

Palavras-Chave: rádio, vocalidade, crônicas.

Abstract: The communication aims to investigate the different features, both textual and vocal, expressed in the work of Cocktail Chronicles, by Osmar Silva. Originally, these chronicles were irradiated by Daily Morning Radio in Florianópolis one of the late 1950s. This study investigates the multiple voices of a city emerging from the voice of the chronicler, who prints his own voice when writing your text, but at the same time, somehow, makes the city talking. The purpose is to uncover the tones, rhythms, intensities, and the textual tags that allow listening to the voice of this writing. This tone indicating that color, which indicates the voice are essential to reflect on how to address, such as hearing a voice, aphonia in written language.

Keywords: radio, vocality, chronic.

Nós somos apenas vozes
Ecos imprecisos do que for preciso
Impreciso agora
Impreciso tão preciso amanhã
Nós Por Exemplo, Gilberto Gil

O fenômeno da radiodifusão transformou o cotidiano da população, modificou a rotina da cidade, ao inventar, recriar e explicitar práticas culturais e sociais. O veículo suscitou novas sociabilidades, ao projetar uma série de referências coletivas entre indivíduos

desconhecidos, que passam a partilhar as mesmas informações. Ao passo que inova as possibilidades de interação cotidiana, é um suporte agregador, com características de instantaneidade e simultaneidade, destacando-se as inflexões de voz que modulam as ondas sonoras, e expandem a capacidade imaginativa do receptor.

A crônica, por sua vez, é registro diário, fugaz, rápido e versátil como o próprio regime de sociedade em que foi delineada. Referida por Machado de Assis (apud RAMOS, 2005, p.17) como “fusão agradável do útil com o fútil, parto singular do sério, consorciado com o frívolo”, nelas encontramos acesso para tracejar uma visão cotidiana da cidade, uma vez que assinalam permanências e rupturas, em um registro do cotidiano de forma mais humanizada, conforme apontou Antônio Candido (apud RAMOS, 2005, p.20).

O palco onde ocorre a confluência desses objetos, desses veículos, é a Florianópolis de fins de década de 1950 e início da década de 1960. A cidade ansiava por inovações, transformações paralelas àquelas que ocorriam nas demais capitais do Brasil e no mundo. Os meios de comunicação reiteram discursos em favor do progresso, mágica que conduziria a ilha capital (que até então ostentava o execrável título de ‘menor capital do país’) a um futuro glorioso de metrópole. Na contramão dessa avidez pelo novo, a cidade ainda perpetuava hábitos provincianos, arraigados nos costumes das famílias mais tradicionais da cidade.

Inserido nesse contexto, encontramos o escritor, poeta, seresteiro e bancário Osmar Silva. Ele é o agente que congrega diariamente a crônica, a radiodifusão e a cidade, ao escrever crônicas que serão irradiadas pela rádio Diário da Manhã. Através da sensibilidade e atenção para com os fenômenos cotidianos, o escritor perscruta e esmiúça a complexa realidade em que está mergulhada a cidade de Florianópolis, suas contradições e anseios, suas ruas vazias e as trocas de furtivos olhares, durante os passeios, o conhecido *footing*:

Saí, à noite, para uns rápidos flashes de observação pela cidade. E muito pouco pude observar. Ruas tranquilas e mal iluminadas, que mergulham cedo no silêncio da noite, enquanto os casais de namorados procuram as sombras protetoras dos portões. Ruas quietas que se assemelham aos corredores vãos (sic) e silenciosos das casas de saúde! (...) Chego à praça 15, coração da cidade. O jardim, maravilhoso e convidativo, está deserto. Alcanço a Felipe Schmidt, a rua dos cafés e confeitarias, o fogo-fátuo das nossas pretensões a cidade grande! É a rua dos footings e das conversas fiadas! Há homens pelas esquinas, homens que vão e vem, matando o tempo, à espera que as sessões de cinema terminem! Dentro de mais alguns minutos a rua ganhará movimento e colorido. As jovens beldades estarão desfilando a plástica e elegância e distribuindo sorrisos cheios de promessas, aos olhares ansiosos que as aguardam! (SILVA, 1962, p. 25-26).

As crônicas de Osmar Silva, para além de pontuar o cotidiano da população, também possuem como características enaltecer as belezas naturais. Ao descrever as paisagens da cidade como em um quadro, uma pintura “digna do pincel de um grande artista” (SILVA, 1962, p. 23), Osmar deixa transbordar seu carinho por Florianópolis, e invocando todo o sentimentalismo das saudosas serenatas, faz de suas crônicas verdadeiras serestas em prosa:

Florianópolis é uma cidade onde a poesia não morre, não obstante todo o esforço do homem em afastá-la do seu caminho!.. E quem a quiser ver, na plenitude de sua beleza poética, admire-a às seis da manhã, quando o sol se levanta no oriente, ou às seis da tarde, quando morre, como pachá sonolento, na fimbria azul do Ocidente, envolto na roupagem cambiante das mais sugestivas e belas cores!.. Ficaria bela, se fosse apanhada, assim, ao amanhecer no seu lento despertar para as lides diárias, abrindo os olhos, pouco a pouco, ao som do canto dos pássaros e beijada pela suave brisa do mar!... (SILVA, 1962, p. 23).

A seresta que serve de inspiração a Osmar evoca a figura de um rapaz e seu grupo de amigos, de chapéu, cantando e tocando violão na calçada, embaixo da janela duma donzela, que suavemente afasta as cortinas para escutar a canção. Poesia das noites cheias de estrelas, embaladas por violões chorosos, a seresta mais que um gênero musical é uma atividade, um divertimento de amantes boêmios, a cantar pelas vazias ruas da cidade. Este trabalho, ainda em fase inicial de pesquisa, tem como desafio ouvir o texto, afim de perceber como as crônicas podem remeter à voz. Nesse processo de investigação da escuta, cabe destacar a afinidade das crônicas com o panorama musical da época, em especial as serestas, que em seus ritmo e letra evocam uma memória idílica de tempos passados.

Mas no início da década de 1960, Florianópolis está em constante transformação. Para além dos sobrados, casarões pomposos e grandes chácaras - por onde os seresteiros circulavam com desenvoltura - o centro da cidade aos poucos foi sendo salpicado de edificações, símbolos do desenvolvimento, que verticalizaram a paisagem da urbe. A indústria da diversão também cresceu com esplendor, juntamente com a interação com as demais capitais, fascinando a todos. O progresso é ansiado, desejado e apregoado pelos veículos midiáticos: “O progresso é vertiginoso. A ordem do dia nesta próspera ilha é trabalho”¹.

As transformações avassaladoras trazidas pelo século XX modificaram a paisagem urbana. Mas não só. Também a paisagem sonora, com o fenômeno que Murray Schafer batizou como esquizofônica. O termo é relativo a dissociação no tempo entre a produção e a

¹ Jornal “O Estado”, 05 de janeiro de 1957, p. 11

reprodução acústica, graças a gravação musical. São implementos tecnológicos que convulsionam a vida cotidiana, desajustando a lógica até então normatizada, por suas velocidades exorbitantes. Desse modo, as configurações sociais e culturais vão sendo abaladas, com novas forças que entram em jogo. Porém, nem todos desejavam a transformação abrupta do cotidiano, havia quem recuasse frente ao “turbilhão de modernidade” que se encaminhava para a ilha:

E do alto do morro da Cruz, a visão panorâmica de Florianópolis é algo que jamais poderá ser esquecido. Ao fundo, a ponte Hercílio Luz, ligando, na sua estrutura de ferro, a ilha ao continente, é símbolo do progresso com que o ilhéu sonha e deseja, progresso que chega ao passo lento, cautelosamente. (...) Fecho os olhos por um momento e antecipo-me ao futuro, tentando ver, num esforço imaginativo, a cidade de Florianópolis sob o impulso do progresso. Agora é a cidade do futuro, que vejo com meus olhos de imaginação.

O casario baixo cedeu lugar aos prédios de cimento armado. Quarteirões arrazados (sic) cedem lugar a esses gigantes do espaço, conquistadores das alturas. Uma larga avenida, toda asfaltada, parte do Mercado Municipal e segue, à orla do mar, projetando-se na alameda Adolfo Konder, perto da ponte Hercílio Luz.

Onde se erguia a estátua de Fernando Machado, surge uma estação de estrada de ferro. Um trem chega barulhentemente, apinhado de passageiros, enchendo a manhã de gritos agudos e persistentes. Grossos rolos de fumaça sobem para o alto, obstruindo as nuvens brancas, atestando a atividade de dezenas de fábricas. No porto a agitação é intensa. (...) Modernos hotéis, boates e casinos, (sic) atraem os visitantes recolhendo dinheiro que mantém em ritmo acelerado a engrenagem do progresso. Apenas o jardim da praça XV sofreu com a mudança. As árvores esqueléticas, com os galhos ressequidos apontados para o céu, parecem o mudo protesto da Natureza contra o a ação destruidora e renovadora do homem! Florianópolis progredira mas a beleza e a poesia haviam morrido com o progresso.

Cansado do esforço imaginativo, abro os olhos e um sorriso me ilumina o rosto. A cidade está lá em baixo, quieta, bucólica, na paz desta manhã de ouro. Sonhe com o progresso quem quiser! Prefiro-a assim como está, no seu recato de donzela tímida. (SILVA, 1962, p. 27) .

Segundo o crítico ALVAREZ (2006, p. 19) “escrever é literalmente uma arte viva e também criativa, o que escritores criam é um momento da vida em si”. Nesse sentido, Osmar reflete em sua produção as metamorfoses culturais, as transfigurações dos hábitos e práticas, enfim, a inquietude e expectativa que tomam conta da cidade. Perambulando entre a aspiração pelo novo e a lembrança de uma infância idílica, ansiando o progresso e a grandeza de sua cidade, mas vendo com o pesar tudo aquilo que ajudou a moldar sua existência ruir e ser taxado como obsoleto; é no centro dessa vórtice que encontra-se a voz de Osmar Silva.

Posteriormente, ALVAREZ (2006, p.9) assinala que “uma voz assim muda toda vez que a gente muda” e o que se verifica é que a voz de Osmar está em constante reinvenção. Nele diferentes vozes se aliteram, disputam espaços, se contrapõem.

Suas crônicas iam ao ar duas vezes ao dia. Pela manhã (10h30), com um enfoque sobre a cidade, no espaço intitulado “Janelinha da Ilha”; e no horário do almoço (12h20), com uma temática mais humana, “Páginas da Vida”. Em 1961, Osmar Silva reúne cem das suas melhores crônicas, para a publicação do volume “Coquetel de Crônicas”. No livro, principal fonte deste trabalho, Silva apresenta seus relatos como:

retratos da cidade com suas grandezas e misérias, seus tipos de rua, enfim todo o vasto material humano e paisagístico que se oferece aos olhos do observador. Noutras, os fatos humanos são narrados em formas de pequenos contos [...] são crônicas para todos os gostos e todas as críticas. (SILVA, 1962, p. 9).

Osmar Silva foi um fértil escritor, produzindo artigos, poesias, contos, novelas e até mesmo uma peça teatral, “O natal do Cara-Suja”. Pela sua vasta produção, em 1967 foi apreciado com um assento na Academia Catarinense de Letras. Osmar compunha também trovas, espontâneas expressões de volume reduzido, onde a simplicidade do poeta dá a melodia dos versos: “De jóias maravilhosas / poetas enchem os caminhos... / Mas, quando falam de rosas / é para lembrar espinhos!” (SILVA, 1968, p.43).

No que concerne ao universo radiofônico, além das crônicas, ele também produziu quadros humorísticos, sketches e radionovelas. Segundo o pesquisador de radionovelas Ricardo Medeiros (2005, p.1), Osmar Silva escrevia suas novelas com detalhes clássicos dos folhetins, ao destacar os heróicos mocinhos, os maquiavélicos vilões, o triângulo amoroso e sobretudo, ao terminar cada capítulo com um suspense lancinante.

No rádio, para além de tentar compreender e traduzir os hábitos da cidade e de seus habitantes, Osmar precisou também adaptar sua forma de comunicação. Ao escrever com a finalidade de uma leitura ao microfone, algo ocorre em sua linguagem, que se expande das palavras, se torna mais visceral, espiritual, afasta a erudição para prestigiar a energia vocal. Nesse limiar, onde a voz influencia o processo da escrita, podemos perceber aquilo que Paul Zumthor (2007, p.14) configurou como a “revanche da voz no contexto atual”.

Zumthor observa que em meados do século XX ocorre um retorno da voz. Essa revanche acontece principal através da voz mediatizada, ou seja, da comunicação oral que se realiza por

intermédio da tecnologia, nos chamados meios de comunicação, e que representa um “esforço da humanidade para encontrar a autoridade da voz viva” (ZUMTHOR, 2005, p.70). Apesar da voz mediatizada não trazer a presença do corpo, ou seja, perder um tanto de peso, de corporeidade, da existência real da performance de uma oralidade presencial; mesmo assim, ela se faz extremamente diferente da forma escrita, despertando atenção.

A voz é a principal característica da radiodifusão. A voz, para além do corpo, possui a magia de fazer-se presente onde o corpo não está. Reproduzindo uma partitura, as vozes vão tramando um panorama, numa ordem prosódica de enunciação. Conforme assevera o escritor Alferi (1991, p.63-64)² é a voz que dá a coesão textual as palavras soltas, construindo uma trança formal das palavras, com tons e turnos recorrentes. A voz, ao mesmo tempo em que encarna o papel de corda, que amarra, que executa um laço com as palavras, também é quem as singulariza, as diferencia, realçando o talante de cada palavra, colorindo cada signo.

Mesmo sendo muito diferente da comunicação presencial, a voz mediatizada simula a presença do corpo, traz em si a existência concreta do homem. A voz é a ligação entre linguagem, seja traço, imagem, som e o homem, ela que torna real e dá significado as palavras, ela que ousa ser performance, ser um momento de interação simultânea entre obra e público, como lembra Zumthor (2007, p.35). A voz tem passado por diversas transformações ao longo dos tempos, desde sua fonetização, passando pela escrita, pela disseminação e supremacia da imprensa, aos nossos tempos de voz digital. No universo radiofônico, abre-se espaço para o renascimento da poética da voz, há muito reprimida no âmbito do discurso pelo caráter hegemônico da escrita.

Na radiodifusão, a voz mediatizada tem como estratégia encenar a construção de uma coloquialidade, onde o narrador, em um jogo discursivo, conta com a presença do ouvinte, simulando a presença do corpo do outro, tornando a performance mais táctil, menos virtual.

Em sua tese intitulada “A Voz da Escrita”, o educador Fernando Hartmann (2007, p.153) considera que a voz, ao separar-se do corpo falante, descobre na língua um conjunto de possibilidades infinitas. São palavras, frases, uma gramática completa, disponível para vestir a voz, para envolvê-la e representa-la. Para o lingüista Gabriel Bergounioux (apud HARTMANN, 2007, p.41), cada indivíduo possui um conjunto único de características, de marcas em sua voz, numa espécie de “impressão digital” vocal. Nossa voz, portanto singular, é entretanto modelada a partir das vozes que são escutadas. A combinação de vozes dos

² Tradução livre de Pedro deSouza.

outros age na formatação da nossa própria voz: a produção vocal do indivíduo depende do que ele ouve, do que ele escuta e acolhe. Vale ressaltar também, que quando usamos as palavras de outrem, essas palavras vêm impregnadas, saturadas das vozes desse outro.

Podemos relacionar essa apropriação de vozes na prática do seresteiro Osmar Silva. Para além de escritor, Osmar também foi compositor musical, compondo marchinhas de carnaval, mas sobretudo serestas. Uma de suas canções ficou famosa, “São José, minha terra querida”, onde ele rememora um passado idílico em sua cidade natal. Ao compor, é provável buscasse inspiração em seresteiros famosos, como Silvio Caldas e Albertinho Fortuna, cujas músicas eram maioria em seu caderno de cifras. Versos como o da canção “*Perfil de São Paulo*”, ou da clássica canção “*Chão de Estrelas*”: “A porta do barraco era sem trinco / Mas a lua, furando o nosso zinco / Salpicava de estrelas nosso chão / Tu pisavas os astros, distraída / Sem saber que a ventura desta vida / É a cabrocha, o luar e o violão”³, onde é impossível não visualizar a imagem proposta pelo autor.

Aos clássicos da seresta, certamente misturava-se a polifonia das ruas da modesta capital, com seus ruídos e sons específicos, numa sinfonia de vendedores, conversas, cantos de curiosos, badalar dos sinos da igreja matriz, bater de ondas do mar, e lá ao longe, o estridente apitar dos navios (MACHADO, 1999, p. 45). A essa combinação, acrescentemos ainda a forma como Osmar vê o mundo pelo seu prisma imaginativo, e a imagem poética com que o traduz em seus versos.

Nesse viés, este projeto volta sua atenção para a busca da voz na escrita de Osmar Silva, investigando a multiplicidade de vozes de uma cidade que emergem da voz do cronista, que imprime sua própria voz ao escrever seu texto, mas simultaneamente, de alguma maneira, faz a cidade falar. O propósito é descortinar as tonalidades, os ritmos, as intensidades que marcam, indicam como deve ser desempenhada a leitura pelo narrador, exprimindo as vozes presentes na cidade.

As frases melódicas possuem palavras-chave que se sublinham determinados pontos da oração, enfatizando-os. Muitas vezes, são marcas na própria escrita que remetem ao modo como a frase deve ser entoada – uma pontuação, a relação sintática, etc. Outras vezes, nada na forma lingüística do texto parece indicar sua tonalidade, e esta é indicada em rubricas, em apontamentos feitos à margem do texto, destinados apenas a sinalizar o tom que deve ser projetado na voz. Nas crônicas de Osmar Silva, algumas marcas da voz na escrita são

³ “Chão de estrelas” (Silvio Caldas e Orestes Barbosa), Silvio Caldas. 78 rpm Odeon, 1937 (relançada pela gravadora Emi, 2003).

perceptíveis, como os parênteses e as reticências, usadas como figuras de acréscimo, ou pausas sonoras, e que são recorrentes na escrita do autor:

A cegonha era aguardada, como se trouxesse para eles, a maior felicidade do mundo!... Um filho!... O sonho máximo de suas vidas!..... a ternura do primeiro sapatinho carinhosamente trabalhado nas noites de inverno!.... as roupinhas, caprichosamente bordadas, com iniciais do nome que lhe seria dado!... O filho ainda não nascera e ele já o amava extremamente!... (SILVA, 1962, p.110).

Esse tons indicativos, que colorem, indicam a voz, são fundamentais para refletir sobre como abordar, como ouvir uma voz, na afonia da linguagem escrita. Este trabalho irá procurar iluminar, quiçá compreender, as divergentes considerações do escritor Osmar, que vive, e traduz em sua produção essa vivência, num ambiente em plena ebulição. Sua voz (ou vozes) revela-se marcada por esse debate da modernidade, na dubiedade entre o rumar para o progresso, ou defender-se com suas memórias.

Para além dessa multiplicidade de vozes que tenta abarcar, a obra ainda lida com a problemática da oralidade em uma produção escrita, onde os fatores da performance irão alterar de sobremaneira sua recepção, as possibilidades de escuta pelo público. O conceito de performance para Zumthor é essencial. Podemos compreender performance como o acontecimento, o diálogo, a imediatez entre aquele que fala, a percepção daquele que ouve e o efeito do outro em ambos. Nesse sentido, a performance tem o poder de reconfigurar o texto, e assim, cada nova performance será uma nova “obra”, em virtude da singularidade, da especificidade do momento em ocorre a produção de sentido pelo narrador.

Com esse leque de possibilidades, este trabalho possui uma demanda interdisciplinar, propondo uma circularidade por distintas áreas. Diversas abordagens evidenciam-se necessárias para ponderar sobre como conceber a voz na escrita, ou seja, aquilo que vem, não por traços sonoros acústicos, mas propriedades da escrita inscrevendo nela sob forma de uma voz na enunciação. De qualquer maneira, texto não consegue abrigar a voz. A voz, uma vez livre, propagada, tem em si um poder que vai muito além das bases textuais, pois “é sempre ativa, onipresente, tem materialidade plena, participa da significância do texto e modifica as regras de leitura” (ZUMTHOR, 1997, p.62). Exemplos dessas alteridades no íntimo da própria voz são os enunciados entre parênteses. São acréscimos que fazem uma ruptura com o fio do discurso, adicionando um outro paradigma sobre o assunto. Na busca contínua da voz na

escrita, o que é passível de análise são as articulações que a voz realiza quando transmuta-se em significativa, suas marcas, indícios, seus rastros.

Referências:

- ALFERI, Pierre. *Chercher une Phrase*. Paris, Bourgois, 1991, p. 53
- ALVAREZ, A. *A Voz do escritor*. RJ: Civilização Brasileira, 2006.
- CALABRE, Lia. *Na Sintonia do Tempo : uma leitura do cotidiano através da produção ficcional radiofônica (1940-1960)*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, UFF, 1996.
- CALDAS, Raul. *Oh ! Que Delícia de Ilha*. 5ª edição. Florianópolis : Paralelo 27 em co-edição com Ed. Lunardelli e Propague, 1995.
- HARTMANN, F. *A voz na escrita*. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre. 2007.
- MACHADO, Aldonei. *A Cidade no Dial - Florianópolis nas ondas médias e curtas do rádio (décadas de 40 e 50)*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC, 1999.
- MEDEIROS, Ricardo. *A Casa do Ódio*. Disponível em <http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=3535>. Acesso em 10/08/2011.
- RAMOS, Ana Flávia Cernic. *Política e Humor nos últimos anos da Monarquia*. In: CHALOUB, Sidney ET alii. *História em Cousas Miúdas: capítulos de História Social da Crônica no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2005.
- SEVERO, Antunes, MEDEIROS, Ricardo. *Caros Ouvintes- os 60 anos do rádio em Florianópolis*. Florianópolis: Insular/ACI, 2005.
- SILVA, Osmar. *Florianópolis em Preto e Branco*. In: *Coquetel de crônicas..* Florianópolis: [s.n.], 1962.
- SILVA, Osmar. *Janelinha da Ilha*. In: *Coquetel de crônicas..* Florianópolis: [s.n.], 1962.
- SILVA, Osmar. *Minha Cidade*. In: *Coquetel de crônicas..* Florianópolis: [s.n.], 1962.
- SILVA, Osmar. *O Seu Raio de Luz*. In: *Coquetel de crônicas..* Florianópolis: [s.n.], 1962.
- SILVA, Osmar. *Trovas do Meu Cantar*. Florianópolis: Sem Editora, 1968.
- SIMÕES, Aldírio. *Retratos à Luz de Pomboca*. Florianópolis: ANCapital/Banco do Estado de Santa Catarina, 1997. P. 100.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: a "literatura" medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 324p

_____. Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios. São Paulo (SP): Ateliê Editorial, 2005. 191p

_____. Introdução à poesia oral. São Paulo: Hucitec, 1997

_____. Performance, recepção, leitura. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify 2007. 125 p.